

5ª PARTE

DISCURSOS

Saudação a Paes de Andrade na Academia Cearense de Letras, em 20/08/2012

Juarez Leitão

Antelóquio:

A saudação ao embaixador Paes de Andrade foi requerida pela acadêmica Noemi Elisa Aderaldo por alegado dever de gratidão. Adolescente, Noemi foi acolhida pelo casal Zildinha e Paes de Andrade em Brasília, onde haveria de cursar especialização em língua portuguesa e estilística. Declara que, a partir de apoio e incentivo recebidos nessa ocasião, deu cumprimento a sua vocação literária e ao seu destino de professora, escritora e acadêmica. Sabedora da grande amizade que mantenho com Paes de Andrade há mais de quarenta anos, escolheu-me para saudá-lo, o que fiz, lisonjeado, mesmo alegando que, por não ser o orador oficial daquele ato solene, estávamos quebrando o protocolo da sessão comemorativa dos 118 anos da Academia Cearense de Letras. O discurso que se segue somente pôde ser pronunciado graças à generosa aquiescência do presidente Pedro Henrique Saraiva Leão.

Para além do Centro do Ceará, no Oeste bravio, presos entre as barreiras de arenito da Serra da Joaninha e as sinuosidades da montanha da Ibiapaba, estão os sertões dos Inhamuns.

São cerca de dez mil quilômetros de solo áspero e cinzento, na inclemência do estio, e de alegre vegetação, se as nuvens cumprem seu contrato, quando então acontece a transformação do sertão rude, a ressurreição verde, de que falava o poeta Júlio Maciel.

No campo, se alternam a imponência dos angicos e das aroeiras com o espinheiro e o cipoal das juremas, das favelas, das unhas-de-gato e a fulva mata de marmeleiros, na multiplicidade floral da caatinga. Se chove, as várzeas se cobrem de flores do campo, dos muçambês e dos manjericões, adensadas de jitiranas e capim mimoso.

Para essas terras fortes, sujeitas às oscilações do clima e aos humores dos deuses, vieram os primeiros vaqueiros tangendo os seus bois no caminho dos rios à procura de seu destino agreste. Planta-

dores de fazendas e de muitos filhos se espalhavam pelas terras dos Inhamuns, à medida que as sesmarias iam sendo concedidas, desde os finais do século XVII. Era o nascimento de uma sociedade rural sustentada pela atividade pastoril e secundada pela agricultura. O boi e a roça foram os parceiros da resistência sertaneja.

Ninguém, verdadeiramente, dimensiona o sertão adusto: seu calor começa nos tabuleiros e vai aquecer o coração dos homens. O sol, que dá vida e morte, é toada e destino, como bem viu, poeticamente, Artur Eduardo Benevides:

“Nunca se sabe onde o sertão começa

Nunca se viu onde o seu chão termina.

O sertão, arco-íris que regressa

É uma canção em nós. Ou nossa sina.”

Num desses lugares, nos primórdios do século XVIII (1706), se assentou a resoluta Maria Pereira da Silva, uma das referências iniciais da colonização da ribeira do Banabuiú, e ali, na fazenda Boca da Picada, criou a futura Mombaça.

De sangue, esperança e labutas infinitas se fez aquela terra e a história de seus homens.

Mombaça, a antiga Maria Pereira, gerou coronéis truculentos, senhores de barão e cutelo, professores, magistrados e teve vigários-deputados no comando da Assembléia Provincial. Políticos republicados, parlamentares e governadores, os descendentes dos vaqueiros e índios Inhamuns enchem as páginas de nossa História. Um deles, de nome Antônio, chegou à Presidência da República e ao Palácio de Milflores, como Embaixador do Brasil em Portugal.

Antônio Paes de Andrade é um filho de Mombaça.

Nasceu acalentado pelos mugidos dos bois, o cheiro do mata-pasto e o sussurro do Banabuiú. Sobrinho do Padre-Vigário Pedro Leão Paes de Andrade, tem ascendência heróica na história nordestina. Um ancestral, Manuel Paes de Andrade, em franco desafio ao Governo Imperial do Brasil, fundou a República de Pernambuco e comandou a

Confederação do Equador, em 1824. E diante dos que alegavam que aquela era uma causa perdida, de consequência perigosa para os que a defendiam, respondeu, sobranceiro:

“Não há causa tão grande nem tão gloriosa, como a defesa da liberdade. Por ela devemos tudo arriscar; ela nos merece o sacrifício do bem mais precioso.”

O nosso homenageado foi menino do Banabuiú, o rio que corria a quatrocentos metros de sua casa. E cresceu devassando as capoeiras, montando potros, vendo a ferra do gado e o gemer do engenho de madeira na fazenda Jardim. Impregnou a alma dos altivos valores de sua gente, a lealdade, o maior deles, e da beleza e da força essencial da natureza.

Escutou a história terrível das cruzes banhadas de sangue, plantadas na beira dos caminhos, por disputas de honra e da posse da terra. E aprendeu na calma dos alpendres, na solidão das tardes remansosas, a inventar a felicidade através da esperança.

Idealista, desde a adolescência tinha coisas para dizer, se credenciando como o orador oficial dos principais eventos de sua cidade.

Curioso de vida, aos treze anos tomou a estrada procurando as fronteiras do mundo. Primeiro a capital do Estado, depois a capital da República, o Rio de Janeiro. Nas escolas e na faculdade, embora muito jovem, brilhou pelo estudo, pela leitura dos clássicos e pela expressão das idéias.

Cursava o 2º. ano de Direito na Universidade do Rio de Janeiro quando foi convidado por José Martins Rodrigues para se candidatar a Deputado Estadual no Ceará. Zé Martins, altaneira figura política do Ceará, viria a ser seu sogro e aquele que Paes de Andrade elegeria como padrão de homem público do Brasil e a quem, pela vida afora chamaria de seu mestre, seu líder, seu amigo maior. Casado, em 1956, com a jovem Zildinha, filha de Zé Martins, seriam pais de Mônica, Karla, Isabel e Patrícia.

Com aquela eleição, em 1950, estava começando um grande pacto com o povo. Um compromisso que nunca terminou e se fez

nobre e digno a cada dia. Uma luta pela igualdade de direitos, pela prosperidade coletiva, pelo desenvolvimento social, pelo respeito integral à dignidade do Homem e à sua liberdade. Um combate constante, aguerrido, perene e que sempre esteve distante da facilidade.

Depois de três mandatos na Assembléia Legislativa, sentiu-se preparado para a Câmara Federal: "Participei de três legislaturas estaduais. Só depois desse estágio de amadurecimento no âmbito provincial e de uma prolongada experiência naquela admirável escola de sabedoria política que foi o Partido Social Democrático, é que me decidi a transferir meus esforços para o Congresso Nacional."

Preparado, combativo e leal, foi a imagem que logo dele se formou no Parlamento Nacional. Várias vezes foi escolhido presidente de comissões mistas da Câmara e do Senado, para apreciação de emendas constitucionais.

Conceituado entre seus pares, foi eleito pelas bancadas da Câmara e do Senado para o cargo de Delegado do Brasil junto às conferências da Inter-Parlamentar. Porta-voz do Congresso Nacional Brasileiro junto à esse Organismo Internacional fez pronunciamento perante 120 nações denunciando, em Praga, a violação dos Direitos Humanos no Brasil e a cassação de mandatos populares durante a Ditadura Militar.

Na reunião internacional de Caracas, denunciou a extinção do MDB pelo Governo Militar, em pronunciamento que alcançou repercussão em todo o mundo democrático e foi transmitido pela BBC de Londres, pela Deutsche Delle e pela Voz da América.

Cumpria, assim, com competência e seriedade, a representação que recebeu. Na Coréia do Sul defendeu a paz e condenou a Corrida Armamentista. Em Genebra, se pronunciou contra os grandes orçamentos militares.

Figurou em todas as listas dos Melhores Deputados, feitas a cada ano pelo Comitê de Imprensa da Câmara.

Teve oito mandatos de Deputado Federal. Foi Vice-Líder, Líder e Presidente Nacional do MDB e do PMDB. Hoje é Presidente de Honra do PMDB.

Foi Secretário e Presidente da Câmara e, nesta qualidade, substituto constitucional do Presidente da República.

Exerceu a Presidência da República, por impedimento do titular, que se ausentou do país, em doze ocasiões.

Na primeira vez que assumiu a mais alta magistratura do País resolveu repartir com seus conterrâneos aquela apoteose. Era a visita do coração.

Voltava a sua Mombaça, ao rio da infância para conferir os sonhos peregrinos da saudade e se robustecer da energia atávica.

A inveja nacional reclamou. Mostrou-se insatisfeita porque um filho do Nordeste repetia o gesto de todos os filhos amorosos do universo.

Todos podiam visitar a terra natal no momento mais importante de sua vida, como fizeram os presidentes norte americanos e todos os presidentes do Brasil oriundos de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Mas para o menino Antônio, das barrancas do Banabuiú, o regresso ao útero era indevido.

Era proibido ter gratidão e dar orgulho à gleba original.

Era espúrio ser fiel às raízes telúricas de seu sertão e delas receber o abraço de coragem e fé.

E quando na imprensa do sul o assunto da visita a Mombaça virava galhofa, Rachel de Queiroz sentiu-se também ofendida e partiu resoluta em defesa de seu conterrâneo, declarando em sua crônica hebdomadária:

“É isso que dói neles, nos sulistas. Porque a gente pode ser feio, atarracado e falar arrastando aquelas detestáveis vogais abertas. Pode ser mesmo desajeitado como um índio de gravata. Mas a gente tem cabeça, tem talento, tem garra. Vejamos o caso do deputado Paes de Andrade, presidente da Câmara Federal. Essa presidência ele a conquistou por eleição, não foi? E por boa maioria contra o seu concorrente gaúcho. E saiu direto de Mombaça para comandar em Brasília. É o que dói neles. A minha opinião é que a gente não deve passar recibo dessas coisas. Ah, não gostaram? Saibam que como povo, nós,

os nordestinos nos entendemos e nos amamos. Os grandolas que se danem – e nos engulam, já que não tem outro jeito.”

Com o mesmo sentimento de Rachel de Queiroz, em Mombaça, seu Manuel Augusto, 78 anos, ao saber que estavam falando mal do Presidente Paes de Andrade, que ele viu crescer, virou-se para algum lugar, que ele achava ser o rumo do Sul do País, e, arregaçando a manga de sua camisa, mandou uma grande “banana” para aquela gente besta. Depois cuspiu no chão, rogando praga.

Ninguém poderia ter sido mais eloquente do que seu Manuel, autor espontâneo do justo vitupério contra os bastardos da emoção.

Na ocupação interina da Presidência da República, que ocorreu em 12 ocasiões, Paes de Andrade tomou importantes e acertadas decisões, como a sansão da Lei do Fundo Constitucional para o Desenvolvimento do Nordeste.

Também enviou ao Congresso Nacional Medida Provisória modificando o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e determinando a incorporação da correção monetária, mensalmente, bem como o depósito na conta do trabalhador nas 48 horas após o desconto.

E, num momento glorioso e afortunado dessas interinidades, assinou a ordem de construção do açude Castanhão, o maior reservatório d’água do país fadado a exercer papel preponderante na economia do Ceará.

Senhores acadêmicos,

Senhores convidados:

Não estamos sós quando prestamos esta homenagem ao embaixador Paes de Andrade que, agora, aposentado da atividade pública e da planura majestosa de seus 85 anos contempla o rio de sua história. Outros o viram com lentes mais claras e falas mais brilhantes.

Para Dom Frágoso, o bispo altivo e destemido de Crateús, “Paes de Andrade tem a prática do discernimento. É um autêntico sem ser sectário, que em momentos cruciais da vida política brasileira, por suas atitudes vigorosas, nos restituiu a alegria de ser homem.”

Para Dário de Castro Alves "a postura cívica de Paes de Andrade em defesa da liberdade, da democracia e da cultura é lição e exemplo para os presentes como para a posteridade."

Para Blanchard Girão "a trajetória de Paes de Andrade foi pautada na coerência. Combatente da liberdade, corajoso e audaz na defesa dos princípios democráticos, como poucos foi merecedor do reconhecimento e das honrarias que recebeu na terra natal, no parlamento e nas universidades daqui e de além-mar."

Para Gerardo Mello Mourão "Paes de Andrade, cuja vocação nasceu quando o povo brasileiro rasgou a cortina de ferro da ditadura do Estado Novo, ao tornar-se embaixador do Brasil em Portugal, coroou uma das mais dignas carreiras políticas de nossa atormentada geração."

Do escritor Paes de Andrade fala a repercussão de suas obras, dentre elas esse livro de referência quando se trata da história da repressão praticada no Brasil durante o regime militar: *O Itinerário da Violência*, publicado pela Paz e Terra e consultado por quem quer estudar aquele triste pedaço da história política nacional. Além de sete outras obras publicadas, a *História Constitucional do Brasil*, em co-autoria com o professor e membro desta academia Paulo Bonavides, atingiu muitas edições e é hoje obra adotada nas universidades do Brasil e da Europa.

Ulisses Guimarães declarou que "Paes de Andrade, talento político a serviço da democracia, é também um dos maiores escritores do parlamento brasileiro."

Para Freitas Nobre, seu livro *Presença na Constituinte* incorpora suas idéias ao projeto da Constituição e é, por isso mesmo, retrato por inteiro do itinerário democrático e obra de consulta indispensável sobre os trabalhos constituintes e o texto da Carta de 1988."

Na linguagem épica do saudoso poeta Barros Pinho, amigo e companheiro político de Paes de Andrade "entre os nascidos neste chão de sol e chuvas do Nordeste, este filho dos Inhamuns é um dos cearenses mais completos em qualquer dimensão da vida. É o protagonista do vento no embate permanente com a tempestade. Um

obstinado que vence sem atalhos os desafios da própria condição humana, sempre arrimado na cultura rude, sincera e leal, consagrada na postulação axiológica da nordestinidade. Pode até se perder ao tomar esta ou aquela estrada, mas não vacila. E rápido pula a porteira, estufa o peito, se veste com o gibão de couro do romântico vaqueiro a aboiar pelas escarpas da Serra da Joanhina pronto para escalar o mundo da cultura globalizante, armado apenas de seu humanismo telúrico guardado no alforje limpo de sua alma.”

E, assim, depois de sofrer alguns reveses em eleições para a prefeitura de Fortaleza e para o senado federal, encerrou gloriosamente sua longa caminhada na vida pública brasileira como embaixador em Portugal.

Lisboa, a Velha Cidade das canções de Alfama, recebeu o velho combatente dos sertões dos Inhamuns pelos ritos do carinho e da cordialidade.

Aplaudido como conferencista na sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Convidado para proferir a Aula Magna na Universidade de Coimbra e no Curso de Ciências Políticas e Relações Internacionais da Universidade de Nova Lisboa. E, em 2006, laureado com o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Lusíada de Lisboa.

Longe de seu país e de seu Ceará, quando voltava dos afazeres da diplomacia para a residência oficial do Restelo, o Filho de Mombaça saía viajando pelas estradas da memória e, nesses cismares, voltava a ser o mesmo menino ribeirinho do Banabuiú, a saltar das barrancas de seu rio no encantamento salutar das coisas simples, solfejando as melodias da felicidade. E, nessas horas aflorava em suas lembranças o soneto de Da Costa e Silva, que aprendera quando estudante do Liceu, no país da infância:

“Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a serra.

Saudade! O Parnaíba, velho monge,
as barbas brancas alongando... e, ao longe,
os mugidos dos bois da minha terra...”

Paes de Andrade, personagem de lutas e façanhas democráticas
e pastor destas largas saudades nordestinas, os teus amigos te saú-
dam!!!